

LIDIA M. V. POSSAS*

**AS FRONTEIRAS: RETOMANDO A PALAVRA E LIBERTANDO SIGNIFICADOS.
QUEM SOU EU? AS MULHERES E AS IDENTIDADES REDESCOBERTAS**

Resumo: A partir de uma dimensão da cultura, a palavra fronteira desvencilha-se da ideia de limite territorial definido, a priori, como algo fixo para o delineamento de limites. Liberada desse comprometimento, ela pode ser pensada em outras dimensões: como momentos de transição de identidades vivenciados pelos indivíduos, no caso as mulheres, frente às normas estabelecidas. Questionando o discurso determinante e conectadas a processos de mudanças, elas saíram das margens em que viviam e buscaram reconhecimento de si, fizeram novas escolhas identitárias e assumiram outras possibilidades de ser, de inserção social, associadas à garantia de seus direitos. Reconhecendo a existência desse movimento, proponho um olhar fronteiro sobre a inserção de mulheres na condição de viuvez, de modo a observar as múltiplas identidades femininas em seus protagonismos. A presente reflexão pretende levar em consideração os esgarçamentos sociais para além dos limites e sentidos impostos – no caso, a viuvez –, dilatar as fronteiras de seus significados e pensar na possibilidade de sujeitos híbridos, diferenciados, sendo, portanto, móveis e se deslocando a todo momento em uma performance contínua de atuação, como bem têm demonstrado os estudos contemporâneos sobre as relações de gênero que levam em consideração as distinções de raça, de classe, de etnia e, principalmente, de gerações.

Palavras-chave: Fronteiras. Mulheres. Deslocamentos de si. Viuvez.

Abstract: From one dimension of culture, the word boundary breaks away from the idea of territorial boundary defined a priori as something fixed to the delineation of boundaries. Released this commitment, it can be thought of in other dimensions: as of transition moments of identity experienced by individuals, for women, compared to established norms. Questioning the determinant and connected speech processes of change, they left the banks in which they lived and sought recognition of self, identity and new choices have taken up other possibilities for being, social inclusion, coupled with the guarantee of their rights. Recognizing the existence of this movement, I propose a look at border on the inclusion of women as widows in order to observe the multiple identities of their female protagonists. This reflection aims to take account of social fraying beyond the limits and directions in taxes and if the widow, to expand the boundaries of its meaning and consider the possibility of hybrid subjects, differentiated, and therefore mobile and moving all the time an ongoing performance of operations, as well as contemporary studies have shown about gender relations that take into account the distinctions of race, class, ethnicity, and especially for generations.

Keywords: Borders. Women. Shifts itself. Widow

Autora convidada, artigo recebido em 14 de abril de 2011

* Pesquisadora do CNPq, coordenadora do Laboratório Interdisciplinar de Estudos de Gênero/LIEG e do Grupo de Pesquisa Cultura & Gênero – UNESP/Marília. E-mail: lidia.possas@uol.com.br.

Neste texto estou investida das mesmas inquietações que ocuparam em grande parte o pensamento de Gertrude Stein (1874-1946), escritora, poeta e feminista norte-americana, no momento em que se decidia conquistar o centro de si mesma, por meio da escrita. Indignada com o insucesso de suas primeiras publicações, quase sempre financiadas com recursos próprios, partiu para projetos experimentais cuja preocupação maior era indagar por que seus livros não eram vendidos. Ou melhor, por que suas escritas não eram entendidas?

Gertrude Stein queria se fazer ler e, mais, ser compreendida. Para tanto, passou a concentrar sua atenção em retomar a palavra, decifrá-la conjugando o ato ler e escrever, mas, sobretudo, garantindo a sua genuína construção para só depois emitir ideias, resgatando outra estrutura narrativa de modo que elas (as palavras) fossem tomadas a partir do seu valor individual, libertando-as de significados que lhes foram agregados e que sufocaram outros sentidos. Para ela, seria preciso retomar o sentido das palavras que desde o século XIX haviam perdido seu valor intrínseco. Ter o contato direto com elas, antes de serem tomadas de empréstimos. Segundo a autora, “ela [a palavra] devia ser nua”, para permitir que outros usos e sentidos pudessem ser alocados. “Olhava *na direção da janela. Janela, pensava. Ficava à espera. A palavra não deveria dirigir-se a nenhuma associação. Era possível separar a palavra do sentido? Era preciso retomá-la de dentro e libertá-la de todas as construções*” (LIVI, 1996: 89).

Portanto, sou instigada a seguir esse percurso diante da palavra fronteira(s), dos significados que podem ser exalados. A palavra possui uma carga semântica forte, definida e designada por análises existentes, mas que quase sempre faturaram predominantemente as questões que envolveram a política, a diplomacia e a economia, agregando significados, na maioria das vezes, como sendo as zonas de litígios entre os países, espaços de conflitos migratórios e disputas transnacionais, ou lugar de deslocamentos, associada à ideia de uma territorialidade, onde convivem fluxos de pessoas, limites a serem obedecidos, normas e definições preestabelecidas.

Indago o porquê desse interesse em desnudar as palavras. Vislumbro ser meu objetivo iniciar algumas reflexões pontuais sobre o uso das palavras¹ e aproveitar as

¹ Neste texto, pretendo comunicar algumas ideias e reflexões teóricas iniciais que têm me afligido diante da rigidez de certas categorias analíticas que obscurecem o entendimento de determinada realidade. Creio que ele se aproxima de um ensaio, forma de redação que contempla um gênero literário, mas que nos permite expor interpretações subjetivas sem afastar a linguagem conceitual e as características estruturais exigidas, conforme Boaventura Souza Santos tem sugerido no *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo, 2007.

efervescências suscitadas pela história do tempo presente² e as novas reflexões de uma historiografia contemporânea, preocupada em entender o papel e o local das culturas para ressignificar não só as palavras e os sentidos atribuídos, mas as práticas, os comportamentos e as relações sociais que lhes dão origem.

Começo refletindo sobre o impacto que o filme *Desonra* me causou. Baseada no romance do sul-africano John Maxwell Coetzee (2000)³, a versão cinematográfica retrata com uma intensidade literária profunda os conflitos sociais e culturais da sociedade africana da Cidade do Cabo *pós-apartheid*. A presença da violência contínua e injusta demonstra como ela está disseminada por todas as camadas da sociedade *pós-apartheid*, inclusive frente às mulheres, sejam brancas ou negras, não restrita somente à atuação e poder do Estado. Percebo como foi complexa e difícil a inversão de forças e papéis e, conseqüentemente, de sentidos diante das perdas e do deslocamento da identidade dos brancos em oposição ao fortalecimento dos negros. Antes colonizadores e civilizadores, para serem transformados em imagens demoníacas. Há o reconhecimento do fim do *apartheid* e de seus resultados como consequência da circularidade da história, no entanto, distintas circunstâncias levam a um pessimismo diante das possibilidades de uma sociedade branca sul-africana e do futuro que a espera.

A leitura de Stein e o filme me fizeram retomar os enfrentamentos que a cada momento projetam perspectivas e rumos para as sociedades consideradas colonizadas⁴ no mundo de hoje. As resistências que cada uma delas assumiu a partir dos movimentos de independência que tiveram início com as conjunturas do processo de descolonização, nas décadas de 1970 e 1980, ainda deixam o cenário político mundial sem grandes perspectivas e alternativas.

O ponto de vista do colonizador, com seu protagonismo central sempre privilegiado, esteve e está presente não só na formulação de alternativas políticas viáveis às jovens nações, bem como nos critérios de definição das fronteiras, levando em consideração parâmetros e limites definidos por convenções e tratados de uma cultura

² Segundo Hobsbawm (1998), o tempo presente é o período durante o qual se produzem eventos que pressionam o historiador a revisar a significação que ele dá ao passado, a rever as perspectivas, a redefinir as periodizações, isto é, a olhar, em função do resultado de hoje, para um passado que somente sob essa luz adquire significação. Sobre o assunto ver, além da obra referida de Hobsbawm, FERREIRA, 2000.

³ O livro *Desonra (Disgrace)*, do escritor sul-africano John Maxwell Coetzee, teve várias edições no Brasil. Consultei a de 2000, editada pela Companhia das Letras.

⁴ Como ponto de partida utilizo, nesse caso, as análises elaboradas ante os processos de colonização e descolonização dos séculos XIX e XX, inseridos na trajetória do capitalismo associada às lutas nacionalistas e ideológicas que permearam as lutas pós-coloniais e a criação dos países africanos e asiáticos. Ver: CANEDO (1985).

política não autóctone, mas alienígena que, se considerando superior, excluiu sem levar em consideração as tradições populares, vistas como permanência de um “tribalismo” que precisa ser superado por fórmulas modernizadoras. Dessa maneira, retomo o processo de “descolonização”, partindo no caso da África e da Ásia, por exemplo, que colocou em oposição o “novo”, a modernidade, e o “arcaico”, a tradição local representada pela religião, pela presença do mito, do irracional, que como vozes dissonantes e de resistência foram e ainda permanecem sendo as razões de graves conflitos étnicos, raciais e de fronteiras que eclodem na atualidade.

E aproveito as novas interpretações que vieram à tona com uma historiografia mais recente colocando em cena as vozes dos colonizados e revendo o próprio conceito de “descolonização” como uma construção intelectual, ingerência de poder e da dominação e superioridade europeia (FERRO, 1996; SAID, 1995).

Creio que o entendimento e a relevância do papel da cultura (BHABHA, 1998), ao ser dilatado por novas possibilidades de interpretação, me permite confrontar o local e o global, o individual e o nacional, e o cultural e o natural (a natureza). Vejo como se imbricam a todo momento, oferecendo condições de rever paradigmas e melhor entender os enfrentamentos e as questões de viver nas fronteiras como uma forma de evidenciar a presença de experiências culturais difusas, híbridas dos sujeito. É justamente ali, naquele limite entre ser ou não ser, que se conciliam e vivenciam processos de mediação, de exercício de trocas, de escolhas, tendo em vista a construção de identidades, de singularidades que convivem, não sem conflitos. E, portanto, observar as diversas relações de autoridade, seja aquelas de sutis ingerências e inserções, sendo passíveis de serem rompidas deixando de ter monopólio pelo uso da força, da violência.

Penso ser possível retomar a palavra fronteira sem minimizar o sentido que lhe garantiu uma interpretação quase hegemônica e uma única performance dos sujeitos envolvidos, para assim livrar-se de um concreto que a aprisionava, para outros usos e sentidos.

Insisto, pois, na ideia de “fronteiras” diante do despertar recente das múltiplas identidades femininas que, na contemporaneidade, são registradas de formas e narrativas diversas a partir de uma perspectiva da antropologia que, ao ressaltar a existência de lógicas culturais caracterizadas por mudanças contínuas e, principalmente, pela ausência de homogeneidade (BARTH, 2000) me permite fluir para além daquele significado tradicional que a palavra acumulou, e desafiar seu hermetismo. Portanto, em uma

dimensão da cultura, a(s) fronteira(s) tem como desvencilhar-se da ideia de limite territorial definido a priori, de um espaço limítrofe e de conflitos entre as partes. Deve(m) ser libertada(s) e pensada(s) em outras dimensões: como um conjunto de jogos e possibilidades que em determinados contextos são conectados a inúmeros processos de mudanças sociais, que nem sempre delimitam os lugares de grupos, dos indivíduos, dos papéis sociais, sejam de homens e das mulheres em distintos posicionamentos e enfrentamentos. Há que levar em consideração os esgarçamentos sociais para além dos limites e sentidos impostos. Assim, elas (as fronteiras) passam a ser constituídas de sujeitos diferenciados, sendo, portanto, móveis e se deslocando a todo momento em uma performance contínua de atuação, como bem demonstram os estudos sobre as relações de gênero que inventam e reinventam os corpos para além dos marcos binários de um fundacionalismo biológico viciado que impôs um dualismo de gênero, mas que se trata de um jogo de forças para muito além dos arranjos sexistas existentes (NICHOLSON, 2000).

Da perspectiva da cultura é possível recriar a palavra e o sentido de fronteira, observando como nesse campo as pessoas herdaram, usam, transformam, adicionam e transmitem valores, crenças, comportamentos, em processos identitários constantes e não fixos. Eles e elas agem, assimilam, ressignificam papéis e comportamentos.

É nesse exercício ainda, entre a semântica e a sintaxe⁵, que me detenho em decodificar a potencialidade da palavra fronteira, em outras situações do presente e diante das notícias de enorme contingente de pessoas em movimento premidas pelos deslocamentos migratórios constantes que transformam o semblante do planeta. O próprio conceito de migrações, pela sua diversidade de conteúdo, objetivos e práticas, vem sofrendo outras associações, como a ideia de mobilidade (PAPADEMETRIOU, 2004). No entanto, percebo que utilizando expressões como migrações/mobilidade, isso não alterou as práticas perversas existentes frente aos fluxos de pessoas, premidas e confinadas em viver em limites. Embora as migrações sejam ora exaltadas como bem-vindas e estimulando o transitar para além de algumas fronteiras, em outros momentos elas são renegadas, afastando levas de gentes com justificativas e ações que se aproximam de atos de barbárie e de discriminação, como foi o fato exemplar, noticiado na grande imprensa: “Praias mediterrâneas da Líbia foram banhadas por dezenas de corpos dos mais de 200 africanos

⁵ A título de esclarecimento: na linguística, a semântica é um campo de estudo e de interpretação do significado de uma palavra, de um signo, de uma frase ou de uma expressão em um determinado contexto e difere da sintaxe, que é a parte da gramática que se debruça sobre as estruturas ou padrões formais do modo como esse algo é expresso, escrito ou falado. Ver: <www.soportugues.com.br/secoes>. Acesso em: 22 jan. 2011.

que naufragaram durante uma precária travessia ilegal em direção à Europa” (FOLHA DE SÃO PAULO/Mundo, 6/4/2009)⁶.

Diante dessa enxurrada de fatos, palavras e sentidos, pretendo tratar do tema investindo na máxima: a história não é repetição do tempo passado e não pode ser assimilada como ensinamentos basilares que devem ser transmitidos, copiados para que o futuro possa ser promissor.

Na qualidade de historiadora que não acredita nas repetições de eventos e acontecimentos do passado, enfatizo uma perspectiva de história que a todo momento constrói e reconstrói o vivido, que tem como tarefa de ofício rever constantemente os conceitos e as categorias de análise vivenciados em outras realidades, percebendo a dinâmica dos pressupostos que fundamentam o conhecimento científico, agora sendo colocado em constante mudança e possibilidades de análises. E, sendo mulher, assumo um interesse mais específico em relacionar essas discussões com as lutas, os conflitos, a busca de identidades que envolveram e ainda envolvem o sujeito feminino para refletir sobre as categorias teóricas construídas tendo em vista novos protagonismos que fogem aos estereótipos conservados pela historiografia clássica, amparadas em paradigmas universais.

Para tanto, me aproximo de Linda Hutcheon (1991), feminista canadense que, ao se colocar incrédula diante dos costumes estéticos e sociais que dominavam as relações entre os gêneros, foi uma das teóricas que ampliou o campo e os debates. Tanto os feminismos como o pós-modernismo⁷ trabalham para compreender os modos dominantes de representação, sendo que ambos pressionam por considerar os desafios antimetanarrativos frente ao universal humanista, em termos de gênero.

São os trabalhos mais recentes de uma historiografia preocupada em desnaturalizar as distinções entre os sexos que eu persigo, pela própria força da minha atuação como feminista, atenta a se aproximar das personagens, dos protagonismos concretos e possíveis para questionar a própria história. Invisto em uma forma de olhar que quer captar o contraditório, que para tanto usa novas lentes e abusa, subverte os próprios conceitos e os desafia. Com isso pretendo assumir o “olhar diaspórico” que quebra o discurso determinante de uma cultura que se considera homogênea, questionando a relação entre as

⁶ Esse fato vem motivando outras análises, como foi a entrevista do historiador e cientista político Demetrius Papademetriou, especialista em estudos sobre migrações e que introduz o conceito de mobilidade para entender o fenômeno desses fluxos no século XXI.

⁷ Neste texto, sem querer polemizar a questão, está-se utilizando uma ideia discutível enquanto categoria, para evidenciar uma conjuntura de reflexões intelectuais de crítica à modernidade, identificada pelos princípios do cientificismo, de uma razão única e universal que, a partir do final do século XX, na leva pós-estruturalista, começou a ser criticada.

identidades e evidenciando o fluxo e o refluxo existente entre as possibilidades dos sujeitos em (re)inventar a sua vida.

Stuart Hall (2008: 36) contribui nesse sentido ao falar da existência de uma cultura diaspórica, como uma subversão dos moldes culturais tradicionais. Mesmo que a referência seja orientada no sentido do estudo da Nação, ele me leva a pensar no cotidiano feminino, que a todo momento desafia, enfrenta os modelos prescritos.

Portanto, dá para inserir nas lutas construídas como hegemônicas, nas lutas das mulheres, o lugar do diverso onde, como sujeitos, vivem em constante trânsito pessoal, rompendo, mediando e ajustando, mas nunca inertes.

Tomo a literatura, que em sua criação é pródiga em oferecer tipos de protagonismos femininos que, em processos íntimos de redescoberta de si, saem dos limites atribuídos ao seu sexo diante da sociedade que a define como tal. E na condição de personagens distintos, fugindo aos estereótipos, buscam incessantemente entender o lugar a que foram destinadas, sem o seu consentimento, e a razão de sua invisibilidade:

Então era e ao mesmo tempo não era. Era desprezível. Era imperceptível. Seria possível? Observou longamente até que o motivo essencial que desencadeava a sua invisibilidade — lhe saltou aos olhos: não possuía direito algum que sancionasse aos olhos dos íntimos, seu estar ali como sujeito. Não tinha eu? Não o tinha (LIVI, 1996. Exílio: 152)⁸.

A florentina Grazia Livi, jornalista de carreira, é uma romancista sensível na revelação de vozes femininas que “irrompem de um coro secreto e silencioso”, conforme premissas suas. Também está atenta às redescobertas daquele “eu” feminino na contramão dos limites hegemônicos, aprisionado em zonas limítrofes por interesses exteriores aos seus, seja por autoridades e seus projetos de sociedade e de Estado.

No rastro de Plutarco, que inaugurou o gênero biográfico ao confrontar a vida de ilustres homens de Roma e da Grécia, em *Vidas paralelas*, sem fazer alusão a nenhuma mulher, Grazia Livi escreveu uma obra que considero instigante e sensível. Em seu romance-ensaio *As letras do meu nome*⁹, publicado originalmente na Itália em 1992, soube

⁸Trata-se de um momento de ajustes de si com o mundo, onde uma das protagonistas criadas por Grazia Livi coloca-se em condição de viver nas margens, em “Exílio” (1958), um dos capítulos existentes no livro, para expor algumas mulheres que viveram processos de distanciamento de si após enfrentarem a infelicidade de viver uma vida separada, “exilada” das normas tradicionais da sociedade burguesa.

⁹ O livro reconstitui cenas cotidianas e privadas de várias mulheres, cada uma em suas indagações sobre si, sua busca de identidade em suas trajetórias pessoais. Entre elas estão Simone de Beauvoir, Colette, Virginia Woolf, Gertrude Stein, Anne Frank, Gianna Frank como fios condutores e entrelaçados com citações poéticas em um movimento contemporâneo de emancipação e conquistas.

entrelaçar a vida de dez mulheres combinando a ficção e a realidade diante das transformações que cada uma delas enfrentou diante de sua condição feminina e a partir de suas redescobertas pessoais, e sentindo que viviam em lugares de fronteira, entre a rotina de vidas dadas e o desafio do desconhecido possível, ousaram, ultrapassar limites. Aquelas mulheres viveram na fronteira de suas existências e tiveram a possibilidade de, da fronteira, ter acesso à perspectiva de ver melhor o novo, de romper as linhas divisórias existentes. É como se fosse uma ponte estendida entre as margens opostas com a possibilidade de um olhar, um todo: estar em oposição a um outro lado negado, mas não impossível de ser alcançado.

É nesse sentido de lugares atribuídos, mas não fixos, que me detenho mais atentamente sobre as figuras femininas que viveram em espaços e temporalidades não lineares, distintas, sabendo serem regidas por normas e comportamentos predefinidos, mas desafiando sempre o *status quo*.

Em minhas pesquisas, e focando as mulheres integralistas nos anos 1930 em São Paulo¹⁰, deparei-me com vozes escritas de militantes integralistas, assumidas como as blusas-verdes na Ação Integralista Brasileira (AIB). Dentre muitas delas, uma me impressionou pelo enfrentamento das adversidades inerentes de sua escolha político-partidária, em uma São Paulo de 1934, em pleno clima das adversidades político-partidárias decorrentes das mudanças provocadas na instalação da Constituinte corporativista de 1933 e da Constituição de 1934, que garantiu direitos políticos e o acesso das mulheres ao voto. Ao participar de um comício nas ruas de Bauru, a militante, blusa-verde e ferroviária Maria José Nunes¹¹ presenciou o assassinato do primeiro líder integralista morto em ação, no dia 3 de outubro de 1934 e, enfaticamente, deixou registrado no inquérito policial, aberto para apurar o incidente: “Apesar de ser mulher, vesti sim a camisa verde para defender a minha pátria” (POSSAS, 1993: 87).

Observa-se que Maria Nunes, naquele instante, teve consciência de seus limites como mulher, mas ao mesmo tempo os transgredia na medida em que, pela sua história de vida pessoal, como mulher e solteira, assumiu uma posição política mais explícita, em um momento em que não havia ainda lugar para essa subversão da ordem. Os limites entre o

¹⁰ Pesquisa de mestrado intitulada *O trágico 3 de outubro. Estudo histórico de um evento*, realizada junto à UNESP/Assis em 1992 e o trabalho com cartas de mulheres militantes e simpatizantes-integralistas a Plínio Salgado, chefe nacional da Ação Integralista Brasileira de 1932-1938 (POSSAS, 2004).

¹¹ Nascida em Sena Madureira, no Amazonas, Maria José Nunes era solteira e em 1932 foi admitida na Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB) na condição de datilógrafa. Foi sozinha para Bauru, cidade do Oeste Paulista ainda considerada “boca do sertão”, limite entre a civilização e a barbárie, o urbano e o desconhecido, no processo de modernização que adentrava o interior pelo trem e trilhos (POSSAS, 2006).

que deveria ser o privado e o público eram bem definidos para os homens e para as mulheres da República. No entanto, Maria Nunes soube aproveitar das circunstâncias políticas do país naquele ambiente de transição, para assumir publicamente sua preferência político-ideológica. É claro que esse comportamento transgressor foi criticado imediatamente pelo jornal local, *Correio da Noroeste*, que dera cobertura ao incidente ao relatar o acontecimento e publicar uma declaração dos diretores do sindicato dos ferroviários que, na tentativa de justificar o conflito, apontava a presença de uma mulher no comício, lugar impróprio e responsável pelas vaias e pelo incidente subsequente (CORREIO DA NOROESTE, 5/10/1934).

A resposta não se fez esperar. No dia seguinte, a militante tomou a iniciativa de sair do anonimato e promover a sua defesa. Em uma carta enviada ao jornal, deixou a sua resposta aos diretores do sindicato, enfatizando a sua versão, ou seja, de assumir como mulher, o uniforme com a camisa verde e desejando contribuir “para a salvação de minha pátria”. Em sua versão ela relatou: “Quando ao passar em frente ao mesmo sindicato, e pelo mesmo passeio público, elementos do sindicato que se achavam à porta me dirigiam insultos e palavras obscenas” (POSSAS, 2001: 262).

Em um outro tempo, em outras circunstâncias históricas, mas na mesma cidade de Bauru, uma outra mulher, a Sr^a. D. Maria Dalla Rú, na condição de viuvez recente, devido ao suicídio de seu marido, fato que se tornou público, toma a palavra escrita, rompe os limites decorrentes de uma situação de luto que indicava o seu recolhimento, e vai a público para se defender de possíveis interpretações de adultério:

Sinto muito ter de voltar a pedir-vos mais uma vez hospitalidade das colunas do vosso conceituado Jornal, mas a defesa da honra da minha infeliz família o exige. Com a carta que mandei publicar nesta mesma seção no número de domingo p/p. julguei que o público ficasse ciente da nossa inocência, mas pelo contrário, chegou ao meu conhecimento notícias que as iniciais M.S. foi motivo para mover os mal intencionados a trazerem suposição que tem concorrido a tornar mais crítica a minha situação e de uma família desolada (POSSAS, 2008: 4).

Essa atitude tornou-se urgente para a viúva, que devido à carta endereçada a ela por seu marido e publicada pelo jornal, dias anteriores, apontava o responsável por trágica morte do cônjuge:

Peço-te perdão, desculpem-me, mas este passo que dou é necessário. Tu

sabes qual é o motivo M.S. Finalmente te saúdo e desculpa-me se te fiz mal neste mundo. Se o morrer é bonito como dizem verás daqui a pouco. Beija a todas as filhas, saúda vovó e Bepi. Teu João. (POSSAS, 2008: 4).

Esses fragmentos documentais que captam os sujeitos femininos deixam evidências concretas de como as subversões são possíveis e como são capazes de romper alguns dos limites colocados pelos papéis sociais, em que a “fronteira” pode ser também o lugar onde começa a ter sentido um movimento sutil, não dissimulado, de articulação, ambivalente, que questiona o hegemônico para se fazer presente enquanto identidades que se descobrem, agem.

Essas reflexões e constatações, associadas à riqueza da pesquisa empírica, me fazem investir no que denomino de um “olhar fronteiro”, seja para focar aquele sujeito que busca a si mesmo a partir da consciência de que está em um lugar de fronteira que lhe fora atribuído, sem seu consentimento, e para tanto, sente-se capaz de mobilizar-se, perdendo ou ganhando. Como para aquele que observa esse processo, no caso o historiador que assume esse “olhar” enquanto uma estratégia de ofício, para reconhecer que todo o processo de reconhecimento, de busca de identidades, está justamente se dando em zonas limítrofes e na possibilidade de deslocamentos, e de outros discursos.

E novamente busco uma das personagens recriadas por Livi que, diante da consciência de si, indagou para justamente romper, buscar-se:

Não tinha um eu? Desde o berço fora-lhe esfacelado em uma série de pequenos dons e deveres. Por isso não se sentia clara, cheia de um destino pré- escolhido, imprecisa, maleável, uma base sobre a qual os familiares haviam depositado os fundamentos da existência deles (1996: 152).

Foram essas inquietações adormecidas que romperam para além dos limites de um “ser” produzido, fixo, imóvel e que foi generalizado na ideia e na palavra mulher. E ao assumir que são justamente aquelas minúcias que envolvem as vidas femininas, as sensibilidades narradas e registradas muitas vezes em escritas privadas, que identifico o lugar de fronteira, como o espaço de movimentos de mudanças, de articulações possíveis e de outros discursos. É justamente nessa zona fronteira entre o que sou e o que pretendo ser que muitas mulheres descobriram respostas: “Eu sou e me torno o que sou, graças a

essa pergunta: Quem sou eu?”

Terem ciência das razões da invisibilidade, da opacidade das múltiplas inserções existentes, é o que permitiu às mulheres despertarem. E novamente me utilizo do protagonismo selecionado pela romancista italiana (1996: 170), agora observando o “despertar” das mulheres dos anos 1960: “*Não, mãe não. Mãe dessa maneira não mais quero ser [...]. O essencial era saírem de casa*”.

E voltando à historiografia produzida nos últimos dez anos, tenho clareza de que foram justamente as mobilizações, as convocações que ocorreram em cada país que transformaram aquelas sensações pessoais e íntimas em “grupos de reflexão” ou de “conscientização”. Uma nova força se colocou para triturar os modelos e imagens tradicionais, bem como para esgarçar os limites rompendo as fronteiras e possibilitando a (re)construção dos papéis sociais atribuídos às mulheres, visando e revelando as múltiplas condições de inserção, de ação em uma sociedade que pela força dos cidadãos e cidadãs tornava-se democrática e representativa.

Em minha pesquisa mais recente, sobre a viuvez¹², permaneço atenta a considerar o viver na fronteira como sendo onde é possível desmontar os estereótipos através de um pensamento diaspórico que relativiza os conceitos hegemônicos e os discursos subjulgadores, tendo as transgressões e subversões como possibilidades de mediações e de superação.

E, para tanto, passo a defender a relevância do “olhar fronteiriço” como uma metodologia que visa os protagonismos femininos e as relações de gênero, libertando os conceitos/categorias, ideias e as palavras dos sentidos e significados que lhe foram agregados em outro tempo, em uma outra construção histórica.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras . In: **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas** Tradução John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

CANEDO, L. B. **A descolonização da Ásia e África**. São Paulo: Unicamp/Atual, 1985.

¹² “Feminismos e Gênero: a viuvez em tempos de ditadura. Representações, identidades e subjetividades. Brasil e Argentina nos anos 70-80”, como bolsista PQ/CNPq.

- COETZEE, J. M. **Desonra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CORREIO DA NOROESTE, Bauru, 5/10/1934.
- FERREIRA, Marieta de M. História do tempo presente: desafios. **Cultura Vozes**, Petrópolis, v. 94, n. 3, p. 111-124, maio/jun. 2000.
- FERRO, Marc (Org.). **História das colonizações** – Das conquistas às independências, séculos XIII a XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- FOLHA DE SÃO PAULO, Caderno Mundo, de 6/4/2009.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- HOBSBAWM, Eric J. **Sobre a história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Tradução. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- JOSÉ, Natália Frazão. Plutarco de Queroneia e suas *Vidas Paralelas*. História e História, 23 jan. 2009. Disponível em: <www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=109#_ftn2>. Acesso em: 20 jan. 2011.
- LIVI, Grazia. **As letras do meu nome**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.
- PAPADEMETRIOU, Demetrios. In: I Congresso “Imigração em Portugal: diversidade, cidadania e integração”. Lisboa, Migration Policy Institute/IMPI e Fundação Luso/América, 2004. Disponível em: <www.acidi.gov.pt/_cf/5281>. Acesso em: 20 jan. 2011
- POSSAS, Lidia M. V. **Mulheres e viuvez: recuperando fragmentos, reconstruindo papéis**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 8 Corpo, Violência e Poder, Florianópolis, 25-28 ago 2008. Disponível em: <www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST7/Lidia_M_V_Possas_07.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2011.
- _____. Índícios e fragmentos das lutas das mulheres na construção da história das cidades paulistas: os “causos” e os silêncios. In: SILVA, G. V.; NADER, M. B.; FRANCO, S. P. (Org.). **História, mulher e poder**. Vitória: Eufes/PPGHis, 2006.
- _____. Vozes femininas na correspondência de Plínio Salgado (1932-1938). In: GOMES, Angela de Castro (Org.) **A escrita de Si. A escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- _____. **Mulheres, trens e trilhos: modernidade no sertão paulista**. Bauru: EDUSC, 2001.
- SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.